

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Nova de Lisboa e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

UM CAMELÍDEO DE CONIMBRIGA

«Conimbriga», XXXI, 1992, p. 181-187

RESUMO: Estuda-se um metacárpico direito, incompleto, de *Camelus dromedarius* (o dromedário), recolhido em Conímbriga, no decurso das escavações de Vergílio Correia.

Trata-se da primeira ocorrência da espécie, no nosso País. A sua presença poderá dever-se ao exotismo do dromedário para os habitantes da cidade romana, por certo apreciadores dos espectáculos públicos onde tal animal seria utilizado.

RÉSUMÉ: Nous étudions un métacarpien droit, incomplet, de Camélien, autrefois recueilli à Conimbriga par Vergílio Correia. D'après l'étude comparée avec des homologues de *Camelus bactrianus* (le chameau) et *C. dromedarius* (le dromadaire), c'est au chameau qu'on doit rapporter la pièce en question.

La présence à Conimbriga de cette espèce s'explique par la passion que les Romains avaient par les animaux exotiques, ce qui expliquerait l'importation (de l'Afrique du Nord?) de cet animal, utilisé, probablement, aux spectacles publiques.

UM CAMELÍDEO DE CONIMBRIGA

1. Introdução

Os reservados do Museu Monográfico de Conimbriga conservam algum espólio faunístico, outrora recolhido nas escavações dirigidas por Vergílio Correia. Recentemente, os trabalhos empreendidos por Virgílio Hipólito Correia, em diversos locais da cidade, proporcionaram a recolha de um conjunto muito maior, com a vantagem de se conhecerem as condições de jazida dos respectivos materiais.

Verificando-se o interesse do estudo destes restos, correspondemos ao convite para procedermos ao do primeiro daqueles conjuntos, cujos resultados foram apresentados em conferência proferida no Museu Monográfico de Conimbriga, por ocasião do seu 30.^o aniversário, em 10 de Junho de 1992 (CARDOSO, 1994).

Entre os materiais observados, foi identificado um resto atribuído a camelídeo, o que impunha análise mais aprofundada, a qual se encontra na origem do presente trabalho.

2. Descrição

Trata-se de metade proximal de metacárpico II + III de indivíduo adulto, conservando a extremidade articular proximal e boa parte da diáfise (Ests. I e II). Na parte anterior daquela, mostra várias pequenas fracturas acidentais, esquirolosas. Provém da extremidade da cidade romana, de área designada por “bico” (tem aposta a referência “Bico 41”).

Dimensões:

- Diâmetro transversal proximal — 75, 2 mm
- Diâmetro antero-posterior proximal — 49, 4 mm

— Diâmetro transversal da diáfise — 40, 2 mm

— Diâmetro antero-posterior da diáfise — 35, 2 mm

A morfologia deste metápode indica claramente o género *Camelus*; são nítidas as diferenças, tanto morfológicas como dimensionais, com a única alternativa possível, presente em Conímbriga, o boi doméstico — *bos taurus* (Est. III).

No que concerne à determinação específica, a questão é mais delicada. Com efeito, faltavam em Portugal materiais de comparação entre as duas alternativas possíveis: *Camelus bactrianus*, o camelo, de origem asiática ou *C. dromedarius* (o dromedário), norte-africano, partindo do princípio de que existiriam diferenças morfológicas, ao nível do osso em questão.

Impunha-se, pois, a observação directa de exemplares de ambas as espécies, o que foi conseguido em Novembro de 1993, no Musée Guimet d'Histoire Naturelle de Lyon, onde se desenharam os seguintes espécimes:

5000 2063 — *Camelus dromedarius*; origem: África (Est. IV).

5000 2066 — *Camelus bactrianus*; origem: Ásia Menor (Est. V).

A análise comparativa efectuada, especialmente a morfologia da superfície articular proximal, evidencia nítidas diferenças entre os metacárpicos de camelo e de dromedário, permitindo a atribuição específica do exemplar de Conímbriga. Com efeito, não obstante este se encontrar um pouco mutilado na parte anterior da superfície proximal, é nítida a semelhança desta com a do dromedário, facto que concorda com a maior proximidade do continente africano, face à área de distribuição asiática do camelo.

3. Discussão

A presença de um camelídeo numa grande cidade como Conímbriga tem pouco de surpreendente. A sua raridade em contextos romanos poderá ser mais aparente do que real, atendendo ao facto deste tipo de estudos estar ainda no seu início; o material osteológico, frequentemente, era (e ainda é) desprezado. Com efeito, são múltiplas as referências, nas fontes clássicas, à utilização de camelídeos. Talvez a que de maior importância se revestisse na economia do Império, fosse a do transporte de mercadorias do Oriente, em longas caravanas que atravessavam o Deserto Árábico. Não surpreende, portanto, que na arte de Palmira, a mais

importante cidade de caravanas do Império, seja o camelo o animal mais frequente ((TOYNBEE, 1973: 138).

A guerra era outra utilização importante: 10 *dromedarii* integravam, em 156 d. C., a Cohors Augusta Praetoria Lusitanorum, no Egípto (TOYNBEE, 1973: 139). O uso militar estendeu-se ao transporte de água e de mantimentos, até Justiniano I o ter abolido, causando grandes perturbações no abastecimento das tropas, até então sem necessidade de recorrer à requisição civil. Estes animais foram ainda utilizados na agricultura, tanto no amanho das terras como no transporte dos produtos, especialmente nas províncias meridionais do Império (TOYNBEE, 1973: 138). É, ainda, de assinalar o aproveitamento em espectáculos. Um dos mais expressivos exemplos encontra-se em mosaico do Aventino, figurando um homem conduzindo um camelo e segurando, por uma corda, um leão (TOYNBEE, 1973: 139). Encontram-se, ainda, referidos, combates entre camelos.

De registar, enfim, que o leite de camelo era muito apreciado pelos Romanos, quando misturado com três partes de água (LUFF, 1982).

Procurando obter explicação para a ocorrência de Conímbriga, afigura-se como mais provável a hipótese de aproveitamento em espectáculos. Tratar-se-ia, pois, de animal transportado até esta cidade da Lusitânia para fins lúdicos, tão do agrado da população urbana. O seu exotismo conferia-lhe particular realce em tais espectáculos, constituindo motivo de atracção adicional. Aliás, em Conímbriga um dromedário foi objecto de representação, conjuntamente com um elefante, em mosaico da Casa dos Repuxos (Est. VI), atribuído ao 3.º quartel do século II ao primeiro do século seguinte (OLEIRO, 1992: 133).

Na Europa Ocidental foram compulsadas diversas ocorrências de camelídeos, para o período romano. Contudo, é notória a escassez dos restos e, nestes, a falta de elementos de diagnóstico suficientes para a atribuição específica.

No Norte de França, foi recolhida em uma *villa*, perto de Soissons, uma vértebra cervical (CLUTTON-BROCK, 1981). A autora admite que esta ocorrência possa ser interpretada como tentativa de introdução do animal “perhaps by Roman troops who had been stationed in Asia” (p. 129).

Outra vértebra — cuja determinação específica também não foi possível — foi encontrada no sítio da Bolsa, em Marselha (JOURDAN, 1976), em contexto do século V d. C. Neste caso, foi outra a explicação encontrada. A importação deste animal, provavelmente do Norte de

África, justificar-se-ia para fins lúdicos; porém, as marcas de corte e de descarnação que a peça exhibe indicam que o animal foi consumido, concluindo que “il est (...) curieux que l’histoire de ce camélien, importé sans doute à grands frais pour l’amusement des foules, ait trouvé sa conclusion à l’étal d’un boucher” (p. 279).

No estudo dos restos de Saintes (CAILLAT, 1981), não obstante o seu elevado número (40), persistiu a indefinição a nível específico. O facto de provirem de poço de carácter ritual, não esclarece por completo sobre o seu verdadeiro significado, pois poderiam, tão-somente, terem sido para ali despejados aquando do entulhamento do poço (p. 75).

Para além das ocorrências referidas, que evidenciam bem a heterogeneidade de fins a que se pode associar a presença, na Europa Ocidental do camelo e/ou dromedário, LUFF (1982) cita, ainda, os sítios romanos de Vindonissa, Vienna, Lorenzberg e Vermania como tendo fornecido restos — não destrinchados ao nível específico — integrados em unidades militares como animais de carga, ou ainda destinados a espectáculos públicos.

4. Conclusões

Estudou-se o único resto de camelídeo até agora encontrado em território português; provém de Conímbriga, tendo sido recolhido no decurso das escavações dirigidas por Vergílio Correia. Trata-se de um fragmento de metacárpico de adulto, cujo estudo comparativo permitiu a sua atribuição ao dromedário, de origem norte-africana.

Tendo presente a intensa troca de bens e produtos com diversas regiões do Império, que caracterizou o comércio da Conímbriga romana, a presença de um camelídeo não é surpreendente. O seu exotismo conferia-lhe interesse especial em espectáculos públicos ou, tão-só, como curiosidade.

A este propósito, é de referir que um elefante, provavelmente da espécie africana (OLEIRO, 1992: 132), associado a um dromedário, também de origem africana, documentam o interesse dos romanos por tais animais, mesmo que não os conhecessem *in vivo*, mas apenas através de livros de modelos (OLEIRO, 1992: 133).

Com o desenvolvimento destes estudos, é de esperar que outros restos venham a ser encontrados, especialmente nos centros urbanos mais importantes.

Agradecimentos

À Dr^a. Adília Alarcão, pela leitura do original, por todos os apoios que tornaram este trabalho possível e pela amizade com que fomos acolhidos nas múltiplas deslocações efectuadas em 1991 e 1992 ao Museu Monográfico de Conímbriga.

À Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pela concessão de uma bolsa de estudo, alocada ao Departamento de Ciências da Terra, possibilitando as comparações efectuadas em Lyon.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, que proporcionou meios logísticos para que este trabalho se efectuasse, no quadro da colaboração desenvolvida com o Museu Monográfico de Conímbriga.

Ao Dr. Virgílio Hipólito Correia que cordialmente colocou à nossa disposição o material por ele recentemente exumado em Conímbriga, permitindo a sua observação preliminar no âmbito da preparação deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

CAILLAT, P. (1981) — *La faune dans l'Antiquité: identification, utilisation, consommation: exemples saintais*. Vol. I (textes); Vol. II (planches). Travail d'Études et de Recherches préparé sous la direction de Monsieur le Professeur R. Étienne. Université de Bordeaux III (p. 73-75).

CLUTTON-BROCK, J. (1981) — *Domesticated animals from early times*. Londres, Heinemann, British Museum (Natural History) (p. 129).

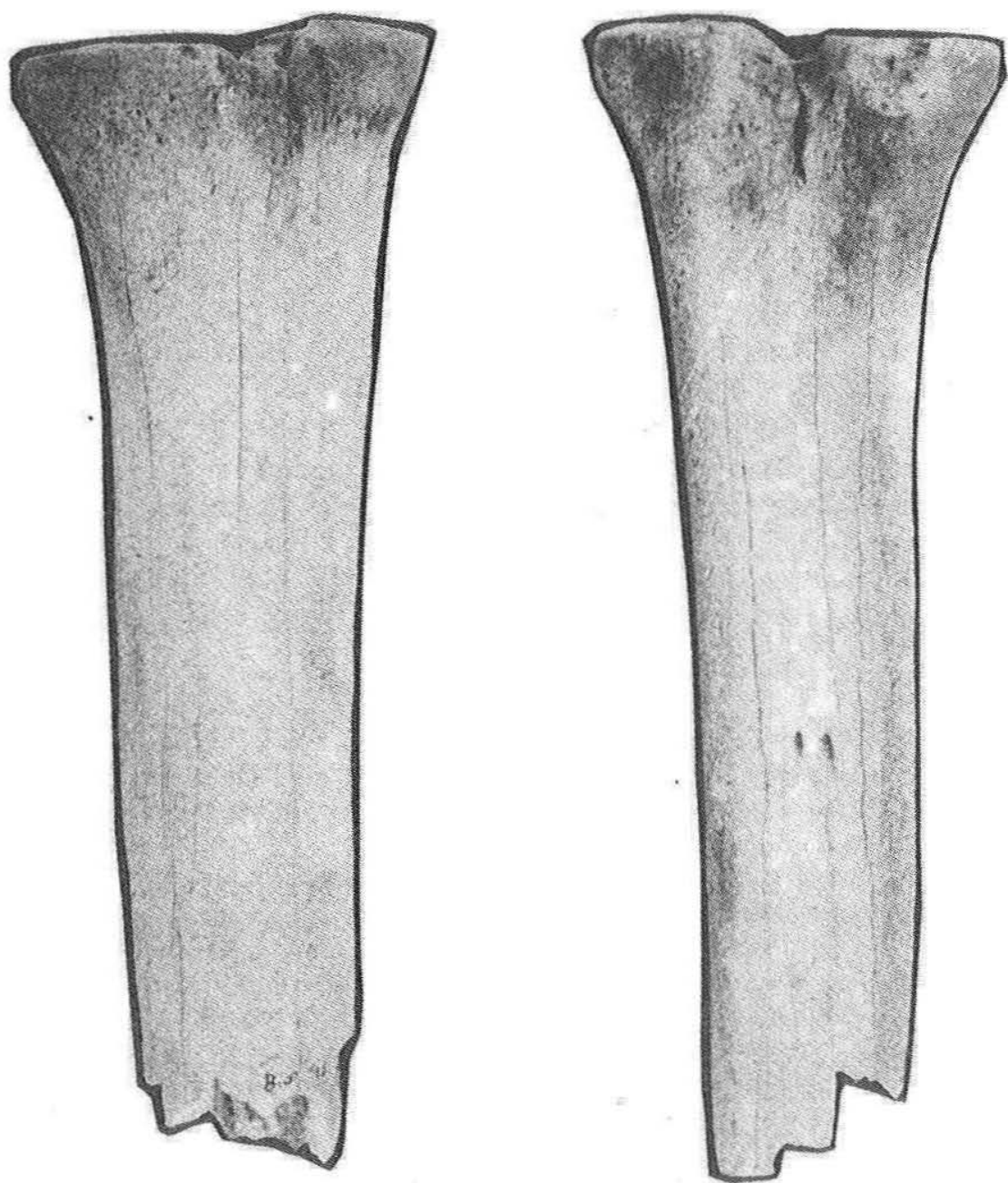
CARDOSO, J. L. (1994) — *Os mamíferos no quotidiano romano. Algumas reflexões a propósito dos restos de Conímbriga*. Texto, com alterações, da palestra proferida no Museu Monográfico de Conímbriga em 10/6/92 (no prelo).

JOURDAN, L. (1976) — *Présence d'un camélien dans le site de la Bourse à Marseille*. In: *La faune du site gallo-romain et paléochrétien de la Bourse*. Éditions du CNRS (p. 278-279).

LUFF, R.-M (1982) — *A zooarcheological study of the Roman North-Western Provinces*. BAR International Series, 137 (p. 265).

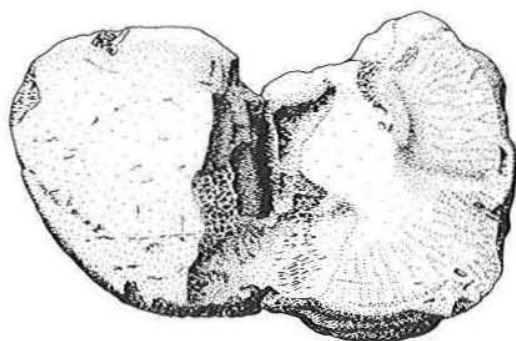
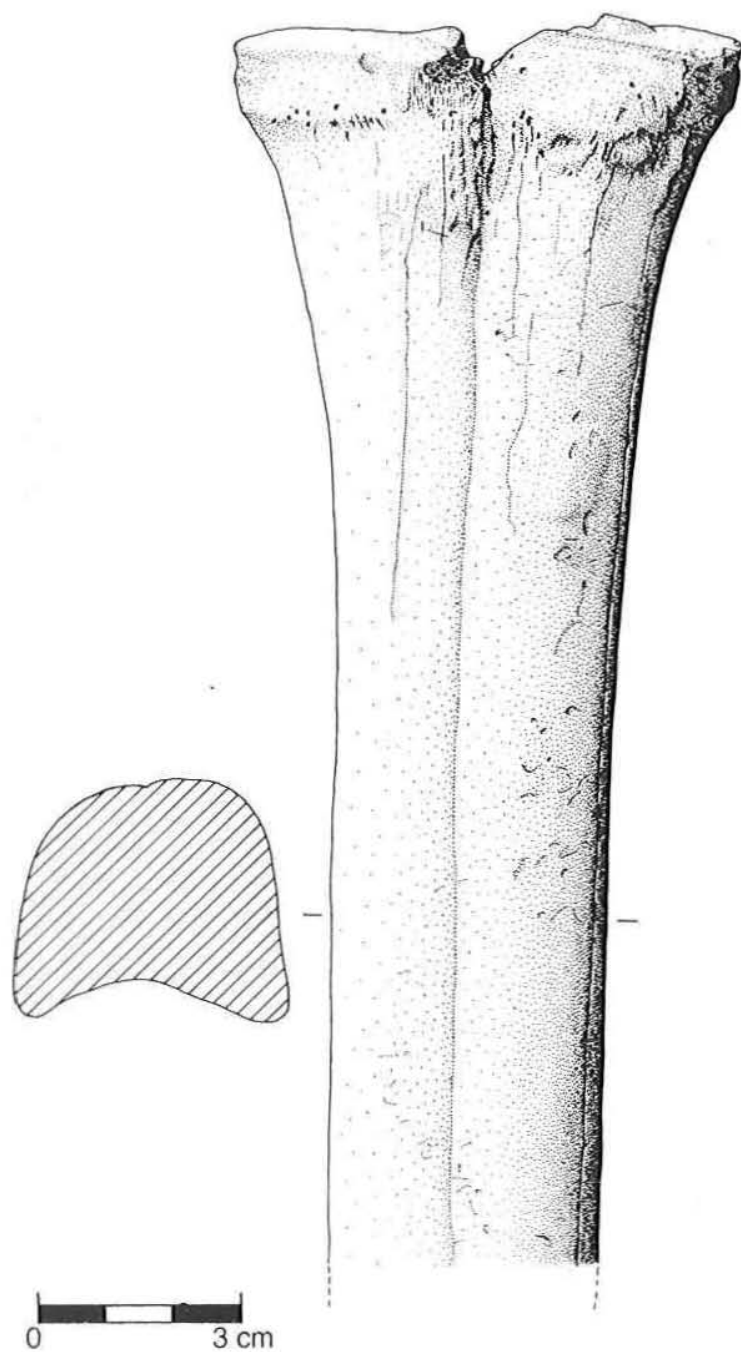
OLEIRO, J. M. Bairrão (1992) — *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. I—Conímbriga. Casa dos Repuxos* (p. 126-133 e Est. 47-48). Instituto Português de Museus/Museu Monográfico de Conímbriga.

TOYNBEE, J. M. C. (1973) — *Animals in Roman life and art*. Thames & Hudson. Londres.

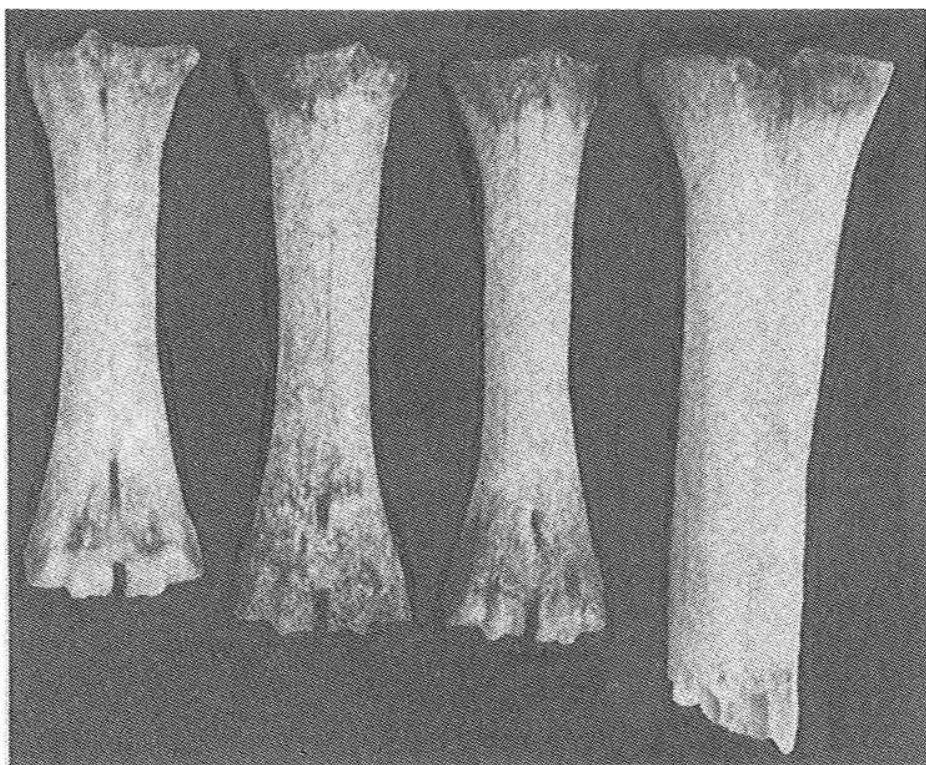


Metacárpico II + III direito de *Camelus dromedarius* de Conímbriga. A esquerda: vista anterior; à direita: vista posterior (fotos Museu Monográfico de Conímbriga).

Est. II

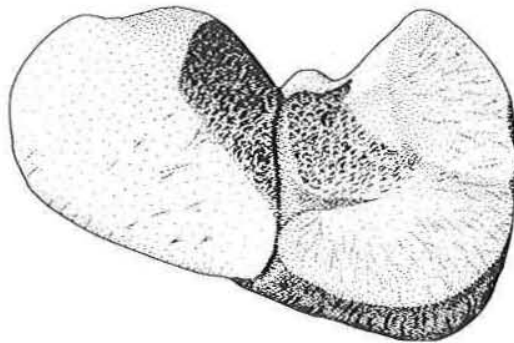
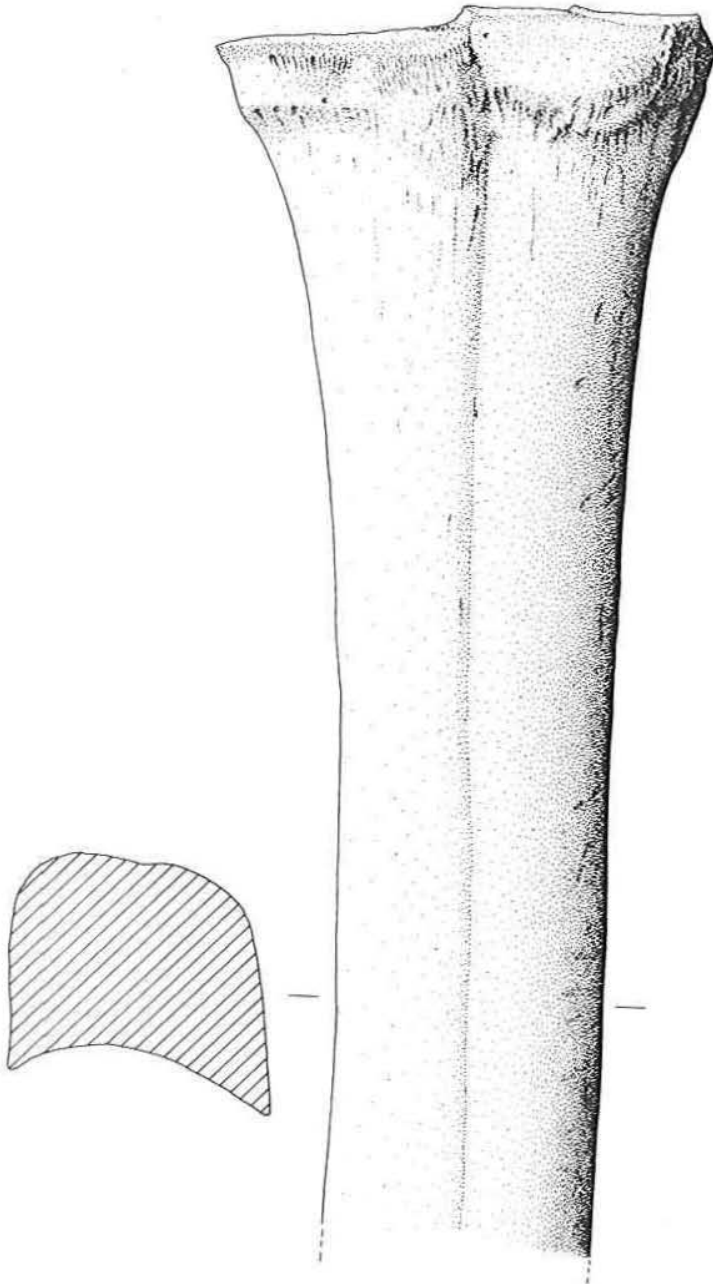


Camelus dromedarius de Conímbriga. Metacárpico II +III direito. Museu Monográfico de Conímbriga. Des. B. Ferreira, sobre original a carvão do autor.

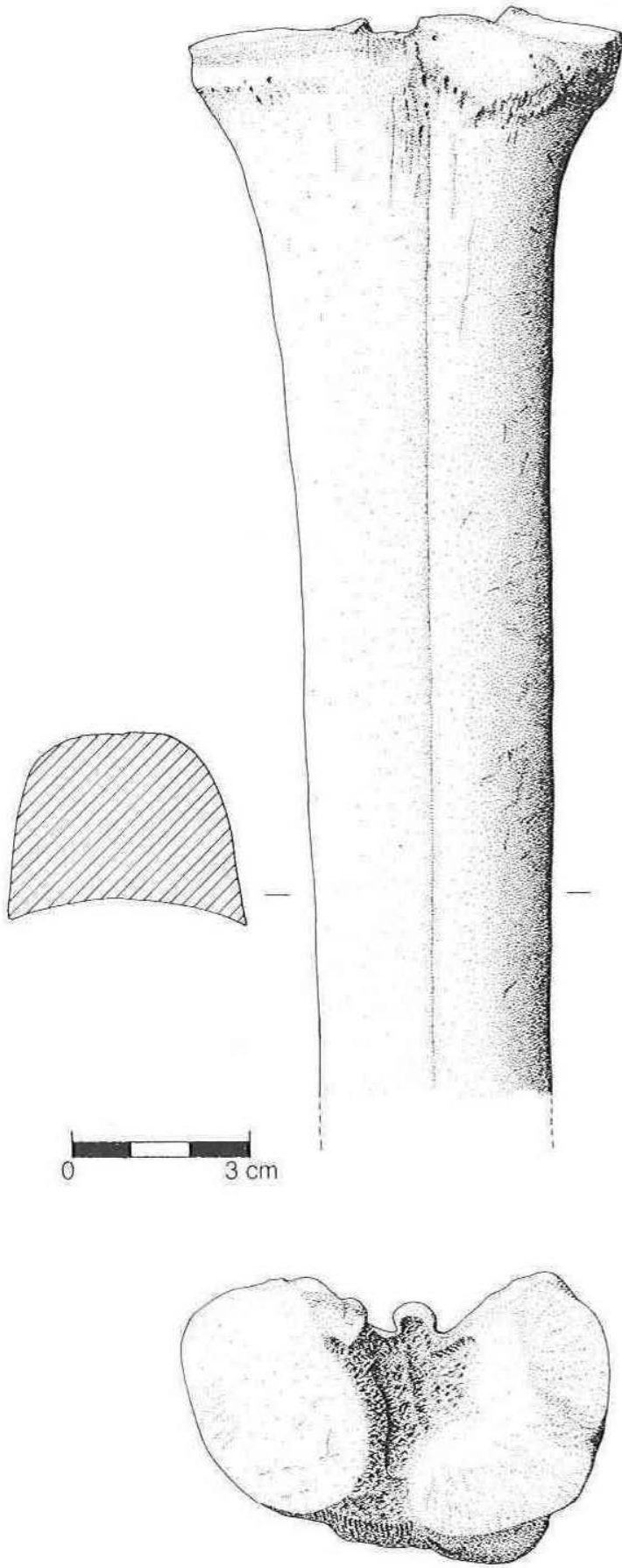


Metacárpicos de *Bos taurus*, de Conímbriga, comparados com o homólogo de *Camelus dromedarius*, à direita, estudado neste trabalho (foto M. M. Conímbriga).

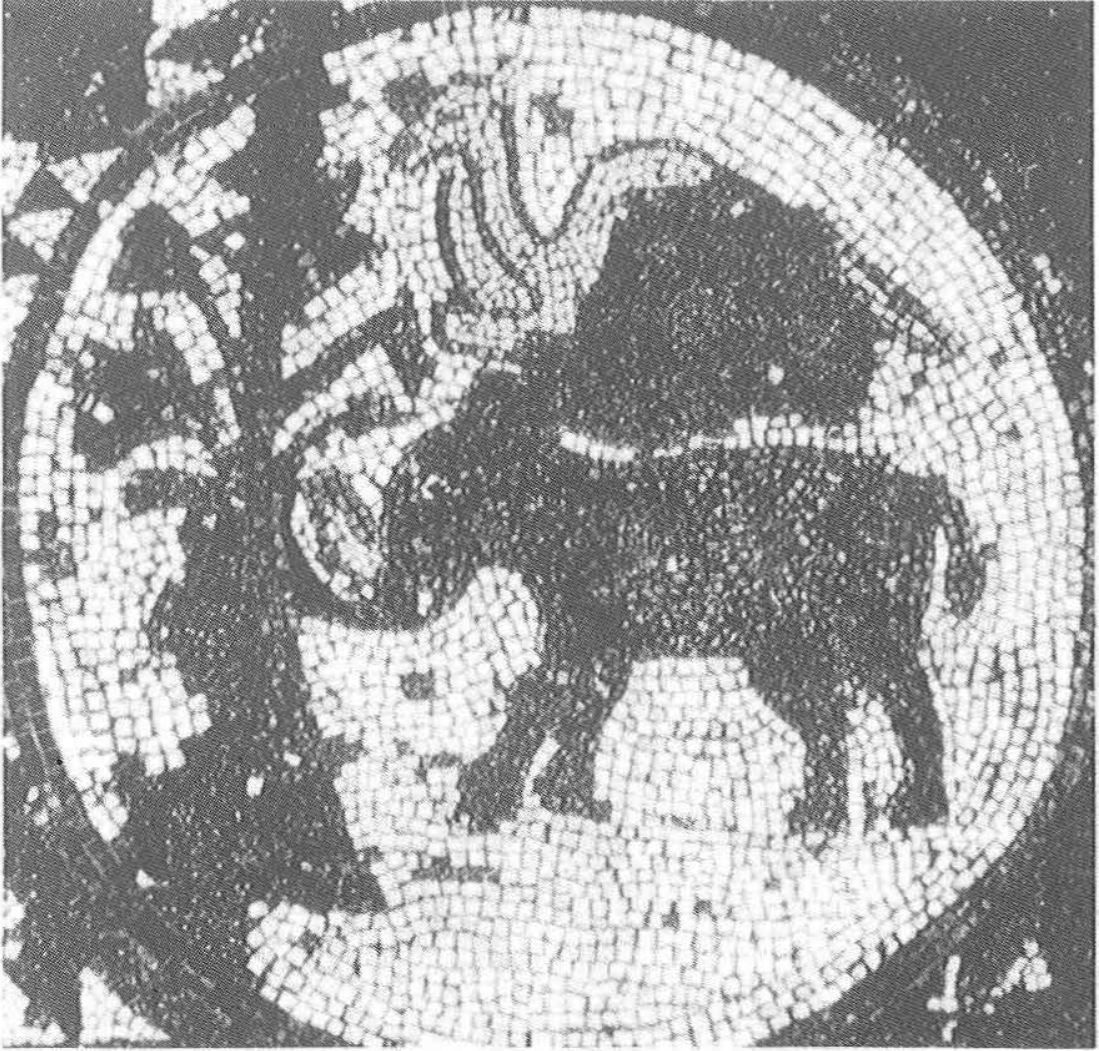
Est. IV



Camelus dromedarius. Metacárpico II +III direito. Col. Musée Guimet d'Histoire Naturelle de Lyon. Des. de B. Ferreira, sobre original a carvão do autor.



Camelus bactrianus. Metacárpico II + III direito. Col. Musée Guimet d'Histoire Naturelle de Lyon. Des. de B. Ferreira, sobre original a carvão do autor.



Pormenor do medalhão central de mosaico da Casa dos Repuxos, de Conímbriga, representando um dromedário e um elefante (foto M. M. Conímbriga).